

Carta encerra a transição, diz Ulysses

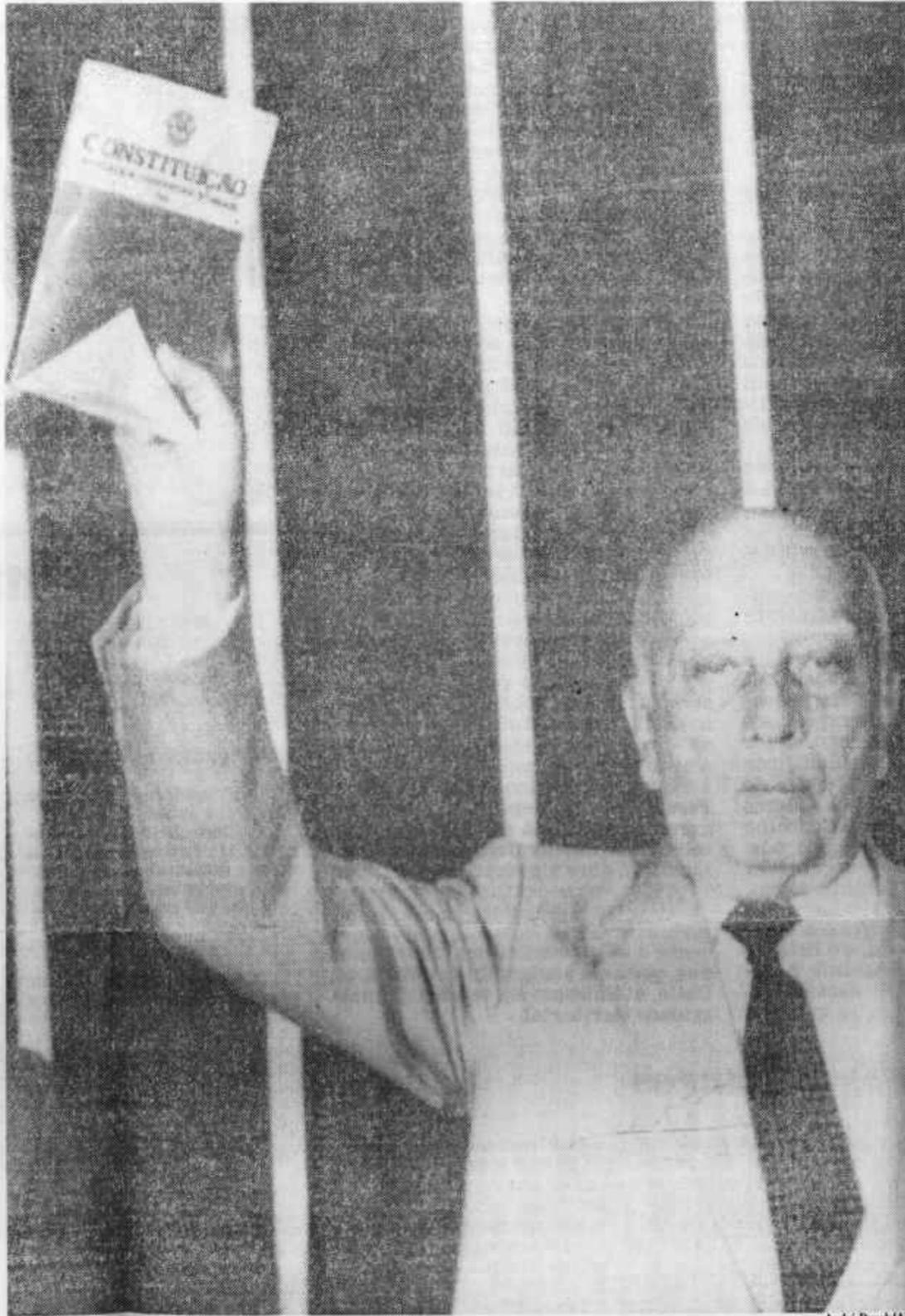
O presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, declarou ontem, em uma hora e 55 minutos de entrevista, no plenário do Senado, que a transição política do Brasil estará concluída amanhã, com a promulgação da nova Constituição. "Mas ainda é preciso que o país saia de um regime de profunda e vergonhosa injustiça social", advertiu Ulysses, para quem a partir da nova Carta "o mundo vai reconhecer que há uma democracia no Brasil, mas os brasileiros precisam ser transformados em cidadãos".

Na introdução da entrevista, antes mesmo das perguntas, Ulysses disse: "Em termos de salário, em termos de riqueza, em termos de educação, em termos de saúde, podemos dizer que a cidadania começa com a alfabetização. No Brasil, contudo, há uma grave distorção, um grave problema: cerca de 25% da população (30 milhões de pessoas) não são alfabetizadas".

A entrevista foi concedida de manhã a jornalistas brasileiros e estrangeiros. Às 12 horas, Ulysses se retirou "para um compromisso muito importante". Era um almoço no Palácio da Alvorada com o presidente José Sarney, a quem não criticou um só minuto na entrevista. "O presidente me deu garantias de que lei promulgada é lei e se cumpre", disse ele, que apenas lamentou que o País "não tenha condições de desenvolvimento, de melhorias e de atendimento daquilo que é fundamental no campo social", em nível correspondente ao de países com grandeza territorial semelhante à do Brasil como Canadá, Estados Unidos, União Soviética e China.

O PRIMEIRO COMÍCIO

Ulysses reagiu com humor a todas as perguntas referentes à sua candidatura à Presidência da República. Mas o PMDB de Goiás leva sempre a sério a campanha para a eleição presidencial do ano que vem e está convocando a população de Goiânia para ir à praça Cívica, na quinta-feira, ouvir as promessas de mudanças sociais e políticas do partido. Com o título "Comício de Goiânia" e o slogan "O novo Brasil nasce aqui", a festa tem sido anunciada por milhares de pessoas que distribuem nas ruas panfletos, adesivos e convites. Artistas famosos se apresentarão a partir das 15 horas, entre eles Gilberto Gil, Elba Ramalho e Chitãozinho e Xororó. Ulysses, estrela da festa, chegará por volta das 18h30.



Ulysses exhibe a Constituição aos jornalistas: com ela, a transição se completa

Para deputado, Saulo exorbitou

BRASÍLIA — O presidente da Constituinte evitou criar conflito com o presidente Sarney e com o governo, durante a entrevista, apesar de várias perguntas sobre a atitude do Executivo de baixar decretos que vão de encontro à nova Constituição. No final, Ulysses desabafou para alguns jornalistas: "De fato, o Saulo está exorbitando de suas funções e falando demais", referiu-se o deputado ao consultor-geral da República, Saulo Ramos. Na entrevista, ele trocou os cargos — procurador-geral, em lugar de consultor-geral da República.

Ulysses reconheceu que algumas perguntas pretendiam indispor-lo com o presidente da República. Argumentou que não poderia "começar uma guerra" nas vésperas da promulgação da nova Constituição. "Não é a hora para isso. Vamos ver daqui para a frente", observou.

O deputado encerrou a entrevista às 12 horas, dizendo ter

compromisso em sua residência: "Vou tirar fotos e fazer filmagens para a TV, para candidatos do partido", informou. Foi, na verdade, almoçar com o presidente José Sarney no Palácio da Alvorada.

Ulysses se mostrou satisfeito quando alguns jornalistas, tentando provocá-lo, lhe disseram que havia deixado a entrevista "mais candidato do que nunca". E comentou: "Se vocês estão dizendo, então aconteceu".

PERGUNTAS PREVISÍVEIS

O presidente da Constituinte evitou tanto comprometer-se com o governo quanto criticar Sarney, seja em relação à anunciada intenção do Palácio do Planalto de tirar a razão de ser da nova Constituição, seja em relação às negociações sobre a dívida externa.

Ulysses declarou que não esperava perguntas diferentes, além de, em sua opinião, nenhum assunto ter sido esquecido. Depois o deputado se corri-

giu: "Acho que ninguém perguntou sobre o bloco parlamentar, se seria partidário ou interpartidário. Entende que deva ser partidário, caso contrário acabaremos com os partidos".

Na entrevista, iniciada com 40 minutos de atraso, o presidente da Constituinte, como de costume, fez várias frases de efeito. Como sobre sua candidatura: "Entre aqui como presidente da Constituinte, mas vejo que vou sair candidato a presidente, de tanto que vocês perguntam sobre isso".

Ulysses voltou a usar antiga frase sua — "É mais fácil matar o monstro que remover os escombros" — ao se referir às dificuldades da transição política, mas confirmou sua confiança na conduta dos militares com uma frase nova: "Gato escaaldado tem medo de água fria". Segundo o deputado paulista, a Constituição resultou do esforço de todos os partidos, com participação maior do PMDB: "Afinal, como dizia o

ex-prefeito de Nova York Fiorenzo La Guardia, há mais vacas pretas do que vacas amarelas", afirmou o presidente da Constituinte.

ENCONTRO DE PRESIDENTES

No almoço com Ulysses, no Palácio da Alvorada, o presidente Sarney voltou a dizer que cumprirá integralmente a nova Constituição. Sarney repetiu para o presidente da Constituinte sua tese de que as divergências do Executivo com o texto a ser promulgado amanhã são fatos do passado. "O presidente da República foi muito incisivo. Declarou-me, taxativamente, que é do seu dever de chefe do governo e de cidadão cumprir e defender a nova Constituição", informou Ulysses após o encontro.

No almoço, Sarney comunicou a Ulysses que não mais participará do lançamento do selo comemorativo da Constituição, amanhã, às 16h30, no Salão Negro do Senado.

"Se fico quieto, é estratégia"

"Tenho uma situação singularmente difícil. Fazendo ou não, sempre acham que sou candidato à Presidência da República. Se fico quieto, é por manha, tática ou estratégia. Se me movimento, é por que sou candidato". Apesar dessa frase, em sua primeira resposta sobre sucessão presidencial, Ulysses mais adiante admitiu: "Claro que se a convenção do meu partido precisar dos meus préstimos, dos meus serviços, não vou faltar ao chamamento dos meus companheiros".

Combateu o argumento da sua idade avançada (72 anos) com bom humor: "Este é um argumento surrado. Tem gente fazendo confusão. Entendo que candidato à Presidência da República não é candidato a ir a Seul". E argumentou: "Se o candidato é moço, dizem que é um fedelho, acabou de sair da barra da sala da mãe, está no cueiro". "Se eu eventualmente for candidato, aí sim, vou subir a rampa do Palácio do Planalto. Não é por razão de idade que deixarei de fazê-lo", acrescentou.

"Esta grilagem não vou fazer"

"Não vou bancar o pássaro-preto ou anu, que põe ovos nos ninhos dos outros", garantiu Ulysses, que foi num comício do candidato peemedebista à prefeitura de Campinas, Manoel Moreira, no fim de semana. Ele explicou: "Não é justo que as pessoas que vão assistir ao comício dele, em vez de falar do Moreira, falem de outras pessoas, ou de mim. Esta é uma grilagem que não vou fazer. Eu vou nos comícios em favor dos companheiros".

"É mais fácil matar monstro"

Ao responder a uma pergunta sobre a manutenção do "papel tutelar das Forças Armadas", formulada pelo correspondente Walter Souto Maior, da Agência UPI, Ulysses citou um provérbio — "Gato escaaldado tem medo de água fria" — e concluiu: "Esse período de mais de 20 anos de desrespeito à democracia, ao estado de direito, ao regime de liberdade, deixou marcas profundas com todos esses problemas que aí estão".

"É mais fácil matar um monstro do que remover seus escombros e é isso que estamos fazendo nesse momento. Vimos agora, com a Constituição, quanto entulho, quanto escombros...", acrescentou o presidente do PMDB. Segundo seu depoimento, os ministros militares lhe vêm dando "palavras de confiança, de apoio e de garantia da estabilidade do regime, sem qualquer disposição de comprometer a transição no Brasil".

Ainda segundo Ulysses, o papel das Forças Armadas estabelecido na Constituição é o tradicional, ou seja, "o da garantia da ordem interna e externa para que a Constituição e as leis possam ser obedecidas e possam imperar".

"Foi uma explosão de alegria"

O maior prazer de Ulysses na Constituinte foi o encerramento do segundo turno. "Foi a maior consagração da minha vida pública. Não foi um ritual, uma liturgia, foi uma explosão de alegria e felicidade", afirmou o deputado.

Seu maior desgosto foi com "as críticas (à Constituinte) muito duras, injustas, preconceituosas, com muita desconfiança contra o Congresso". Essas "assacadihas", contudo, não foram em frente e, segundo ele, nas últimas pesquisas 40% da população demonstravam apoio à Constituição. "O trabalho foi lento, pedagógico e didático", explicou.

"Promulgada, lei se cumpre"

Ulysses considerou "prudente, conveniente" que o governo deixasse para baixar determinados atos (como aumento para militares, contratações de pessoal e concessões de rádio e televisão) depois da promulgação da Constituição. Segundo Ulysses, o presidente Sarney entende que "uma vez promulgada, lei é lei e se cumpre" e que "as autoridades têm de se esmerar nesse sentido". "Quanto maior é a responsabilidade da autoridade, mais deveres tem com o texto político fundamental da Nação", disse o presidente do PMDB. Ele lembrou que o consultor-geral da República, Saulo Ramos, não pode agir sozinho, tem de levar suas propostas ao presidente da República.

"Em plenário até quarta-feira"

Há cerca de 200 pontos da Constituição para serem regulamentados por leis complementares ou ordinárias. Segundo Ulysses, algumas lideranças, como a do PDT, já estão trabalhando nisso e há 20 a 30 leis anteriores à própria Constituição que agora podem ser aproveitadas. Para garantir o quórum de votação até pelo menos duas semanas antes das eleições municipais, sugeriu a seguinte fórmula: "Alguns parlamentares estariam em plenário até às quartas-feiras e os outros daí em diante".

"Ninguém tem idéia de preços"

"A inflação cria um processo de desagregação da vida nacional, principalmente da vida econômica. E o pior é que quem está na base de pirâmide social é que mais sofre", analisou Ulysses. Ele disse que "hoje, ninguém mais tem idéia de preços, tal a especulação" e previu que se a inflação não for contida "poderá atingir níveis muito perigosos para toda a Nação".

"A dívida externa é um dos principais problemas do País. Não se resolve o problema da inflação, da economia e da saúde econômica do País sem passar pela dívida externa", afirmou Ulysses. Segundo ele, "há uma consciência espalhada de que os países devedores não têm condições de saldar seus compromissos e os países credores, inclusive certos bancos, já se prepararam para esse efeito", para Ulysses, "a prática adotada através do FMI é uma dilatação, uma procrastinação do problema".